

# a.obra.nasce

revista.de.arquitetura.e.urbanismo.da.universidade.fernando.pessoa

3







# ficha técnica

## Título | Serial title

**A OBRA NASCE**  
revista de Arquitetura e Urbanismo  
da Universidade Fernando Pessoa  
nº13, dezembro de 2018

## Edição | Publisher

**publicações Universidade Fernando Pessoa**  
Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto  
Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269  
publicacoes@ufp.pt | www.ufp.pt

## Conselho Editorial | Editorial

Editor-in-Chief:

**Luis Pinto de Faria** (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

co-Editor:

**Cerveira Pinto** (Mestre Assistente na Universidade Fernando Pessoa)

co-Editor:

**Rui Leandro Maia** (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

## Comissão Científica | Scientific Advisory Board

**Antonella Violano** (Facoltà di Architettura "Luigi Vanvitelli"  
della Seconda Università degli Studi di Napoli)

**Avelino Oliveira** (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

**Clovis Ultramari** (Professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná)

**Conceição Melo** (Mestre em Projecto e Planeamento  
do Ambiente Urbano FAUP/FEUP)

**João Castro Ferreira** (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

**Luís Pinto de Faria** (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

**Miguel Branco Teixeira** (Professor Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

**Paulo Castro Seixas** (Professor Associado no ISCSP - Universidade de Lisboa)

**Rui Leandro Maia** (Professor Associado na Universidade Fernando Pessoa)

**Sandra Treija** (Vice-Dean of the Faculty of Architecture  
and Urban Planning of Riga Technical University)

**Sara Sucena** (Professora Auxiliar na Universidade Fernando Pessoa)

**Teresa Cáliz** (Professora Auxiliar na Faculdade de  
Arquitetura da Universidade do Porto)

## Design

**Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa**

## ISSN

2183-427X

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

# Aglomerados de Cinfães: Dialéticas entre o Passado e um Futuro.<sup>1</sup> Clusters of Cinfães: Dialectics between past and a Future

**Henrique Pereira**

Mestre Arquiteto, Universidade de Coimbra

henriquevasconcelospereira@gmail.com

## RESUMO

Cinfães tem grande diversidade de paisagens e identidades devido à variedade de materiais de construção, aos usos|costumes e a núcleos rurais que se mantiveram no esquecimento. Contudo, a conservação e o valor patrimonial destes têm sido descurados pelas entidades locais e proprietários, conduzindo à descaracterização da região. Hoje, o abandono da população e a degradação dos edifícios tornam urgente a definição de uma estratégia de valorização|reabilitação destes núcleos e de sensibilização da população para incutir a importância de salvaguardar o património vernacular.

Esta investigação apresenta uma estratégia de reabilitação desenvolvida em dois conjuntos de aglomerados com o objetivo de valorização das suas características endógenas. Através de um conjunto de ações, envolvendo a população, pretendemos promover a identidade dos núcleos, a qualidade de vida, a fixação da população e o turismo. Pretende-se que este seja apenas consequência da promoção dos elementos locais e da sua originalidade, envolvendo o Homem numa dialética intergeracional.

## Palavras-chave

Cinfães, Património vernacular, Rotas, Arquitetura rural, Planeamento estratégico.

## ABSTRACT

Cinfães has a great diversity of landscapes and identities, due to construction materials, customs|traditions, and a group of rural centres that have remained in oblivion. The patrimonial value of vernacular architecture has been neglected by local entities and owners, thus contributing to the region decharacterization.

Today, the abandonment of the population and degradation of buildings makes urgent to define a strategy for the valorization|rehabilitation of such centres, as well to raise the awareness of the population to promote the importance of vernacular patrimony's safeguard.

This research presents a rehabilitation strategy developed around two sets of rural clusters with goal of valuing their endogenous features. Based on a set of actions, with population involvement, we intend to promote the local identity of each centre, quality of life, tourism and population's establishment. Tourism is intended to be a consequence of local products' promotion, fostering its originality, involving Man in an intergenerational dialectic.

## Keywords

Cinfães, Vernacular Patrimony, Route, Rural architecture, Strategic planning.

<sup>1</sup> O presente artigo tem como base a dissertação de Mestrado: *CINFÃES: Dialética entre o passado e um futuro – Ao encontro dos aglomerados vernaculares*. Tese de Mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

## 1. INTRODUÇÃO

Entre a Serra de Montemuro e a margem Sul do Rio Douro encontra-se Cinfães, concelho composto por um conjunto de núcleos rurais que se mantiveram no esquecimento essencialmente devido à difícil acessibilidade e às características geográficas. Um aspeto positivo desse esquecimento é a preservação das formas da arquitetura local, registada já no Inquérito à Arquitetura Portuguesa (Associação dos Arquitetos Portugueses [coord.], 1988).

Para além de ser muito extenso, o concelho é caracterizado por uma diversidade de paisagens, marcada pela variedade de materiais de construção (colmo, ardósia, granito e xisto) e pelos usos e costumes (do pastoreio da Serra de Montemuro às antigas trocas comerciais do Douro), marcas distintas e identitárias de cada aglomerado.

Contudo, a falta de interesse das entidades e a pouca sensibilidade dos proprietários para o valor patrimonial e identitário destes núcleos, bem como o abandono da população com conseqüente degradação do edificado, têm contribuído para a descaracterização e perda da harmonia espacial entre o sistema Homem-Meio-Casa.

Pelo exposto, o presente estudo apresenta um levantamento e análise da arquitetura vernacular destes conjuntos, propõe uma estratégia de valorização, sensibilizando, com a execução do estudo, a população local para a importância deste património. Além disso, pretendeu-se entender como se pode reabilitar e requalificar estes núcleos, que ainda apresentam construções de arquitetura vernacular, para darem resposta às necessidades atuais. E ainda, se o turismo poderia passar por uma das soluções para a permanência destes lugares.

Devido ao elevado número de núcleos existentes no concelho de Cinfães, a estratégia passou por definir duas Rotas, criando dois conjuntos de aglomerados. Cada Rota era composta por núcleos com características semelhantes e com proximidade uns dos outros, que permitissem o levantamento dos seus aglomerados e a definição de uma estratégia de desenvolvimento. Os aglomerados a estudar definiram cada uma das rotas, a "Rota de Montemuro" e a "Rota do Granito ao Xisto", constituindo os próprios objetos da investigação.

As rotas pretendiam estabelecer ligações entre os núcleos rurais, ao mesmo tempo, que permitiam uma estratégia de desenvolvimento sustentável pelas potencialidades individuais de cada aglomerado, salvaguardando, contudo, a identidade de cada lugar.

Assim, a "Rota de Montemuro" consistiu na ligação de quatro núcleos rurais típicos da arquitetura de montanha desta região, com marcada utilização do granito e do colmo. Esta escolha justificou-se pela simbologia que a Serra do Montemuro tem no concelho, assim como pela existência dos traços originais da arquitetura popular (Vasconcelos et al., 2000). Já a "Rota do Granito ao Xisto" pretendeu representar a diversidade geográfica e morfológica do concelho, pois materializou a alteração da utilização dos materiais construtivos para o xisto e a ardósia.

Ao refletir como se poderia intervir nestes conjuntos, melhorando a qualidade de vida dos que lá vivem e possibilitando a fixação de outros, concluiu-se que seria necessário a promoção destes núcleos de forma a aumentar a visibilidade territorial e a autoestima contribuindo também para o reforço da identidade local e regional. A Rota almejou, assim, a criação de emprego e a promoção do turismo, bem como fomentar a fixação e rejuvenescimento da população local.

Assim, e como a maioria dos núcleos em estudo são de reduzida dimensão, despovoados e com populações envelhecidas, torna-se urgente intervir, permitindo a conservação e a salvaguarda do seu património popular e identitário, mas fundamentalmente garantindo o desenvolvimento dos aglomerados, do concelho e da região. Espera-se que a estratégia seja para o futuro próximo e para isso tem que passar pela salvaguarda cultural, económica, ambiental e social e não apenas pela salvaguarda arquitetónica. Se tal acontecesse o futuro destes aglomerados rurais estaria apenas submisso ao turismo. Tal estratégia assenta, assim, na definição da Rota de modo a que a interligação entre diferentes aglomerados permita o desenvolvimento uniforme e sustentado. Mais do que as propostas apresentadas, pretende-se que este trabalho fomente a reflexão e quem sabe conduza as entidades locais a repensarem este território e a delinear também uma estratégia de desenvolvimento

assente na valorização e salvaguarda do seu património e dos seus recursos endógenos.

## 2. MÉTODOS

O estudo recorreu à pesquisa bibliográfica que coincidiu com a procura da delimitação do tema em estudo, desdobrando entre reabilitação rural, planeamento e as ações de cidadania. Abrangendo, no entanto, um suporte teórico, cruzando abordagens interdisciplinares desde a história, a geografia, as tradições e costumes, passando ainda pela etnografia, para compreender a arquitetura e o património local.

A recolha e análise de diferentes textos e publicações tiveram o intuito de entender a evolução e a pertinência de alguns conceitos, nomeadamente, de património, de arquitetura popular e construção endógena. Neste sentido, destaca-se a publicação “Arquitectura Popular em Portugal” (Associação dos Arquitectos Portugueses (coord.), 1988), que teve um papel crucial, já que veio confirmar o valor da arquitetura popular do concelho de Cinfães (Figuras 1 e 2). Salienta-se, igualmente, as publicações da “Arquitectura Popular da Madeira” (Mestre, 2002) e da “Arquitectura Popular dos Açores” (Caldas, 2000) que para além de completarem o trabalho iniciado em 1950 a nível de Portugal continental, con-

tribuem com uma perspetiva mais contemporânea do registo e propõem uma estratégia para a arquitetura endógena. Analisaram-se ainda diferentes convenções e cartas internacionais realizadas no âmbito deste tema e do Património (Lopes e Correia, 2004). Nota também para as várias obras de Ernesto de Veiga Oliveira e Fernando Galhano, dedicadas ao reconhecimento da arquitetura e das construções primitivas nacionais (Oliveira e Galhano, 1992; Pinto, 2000).

Concluindo a recolha com uma pesquisa com foco no local, onde se sobressai, a publicação “Arquitectura Popular do Concelho de Cinfães” da autoria de Cristina Pinto (Pinto, 2000) e o artigo “A Arquitectura Popular e tradicional no Concelho de Cinfães” de Manuel Pinto Ferreira (Ferreira, 1996).

Para os levantamentos recorreu-se a entrevistas não estruturadas à população local e entidades e associações do município. Este contato próximo à população permitiu um conhecimento direto a partir das pessoas, pois são os seus testemunhos os responsáveis pela reconstituição identitária e comunitária do local (Marques, 2015; Tomás, 2005). Esta etapa iniciou-se com a fase dos levantamentos *in situ* através de uma ficha-tipo de recolha de dados. Embora, o diálogo com os habitantes esteve sempre presente como elemento de proximidade e de sensibilização da população, ao longo do registo local.



Figuras 1 e 2. Ilustrações do Inquérito à Arquitectura Portuguesa em Cinfães, imagens retiradas de <http://www.oapix.org.pt/400000/1/index.htm>, a 20/01/2016.

A última fase do trabalho teve como base a pesquisa realizada até então e correspondeu à elaboração de uma possível estratégia de desenvolvimento destes núcleos preservando a sua identidade. Recorreu-se ao estudo de alguns projetos/programas já experimentados noutros núcleos como os de Idanha-a-Velha [Câmara Municipal de Idanha-a-nova, 2016, 2015], nomeadamente os projetos “Recomeçar”, “Idanha Vive” e “Idanha Experimental”, que permitiram justificar e exemplificar algumas opções tomadas.

### 3. RESULTADOS

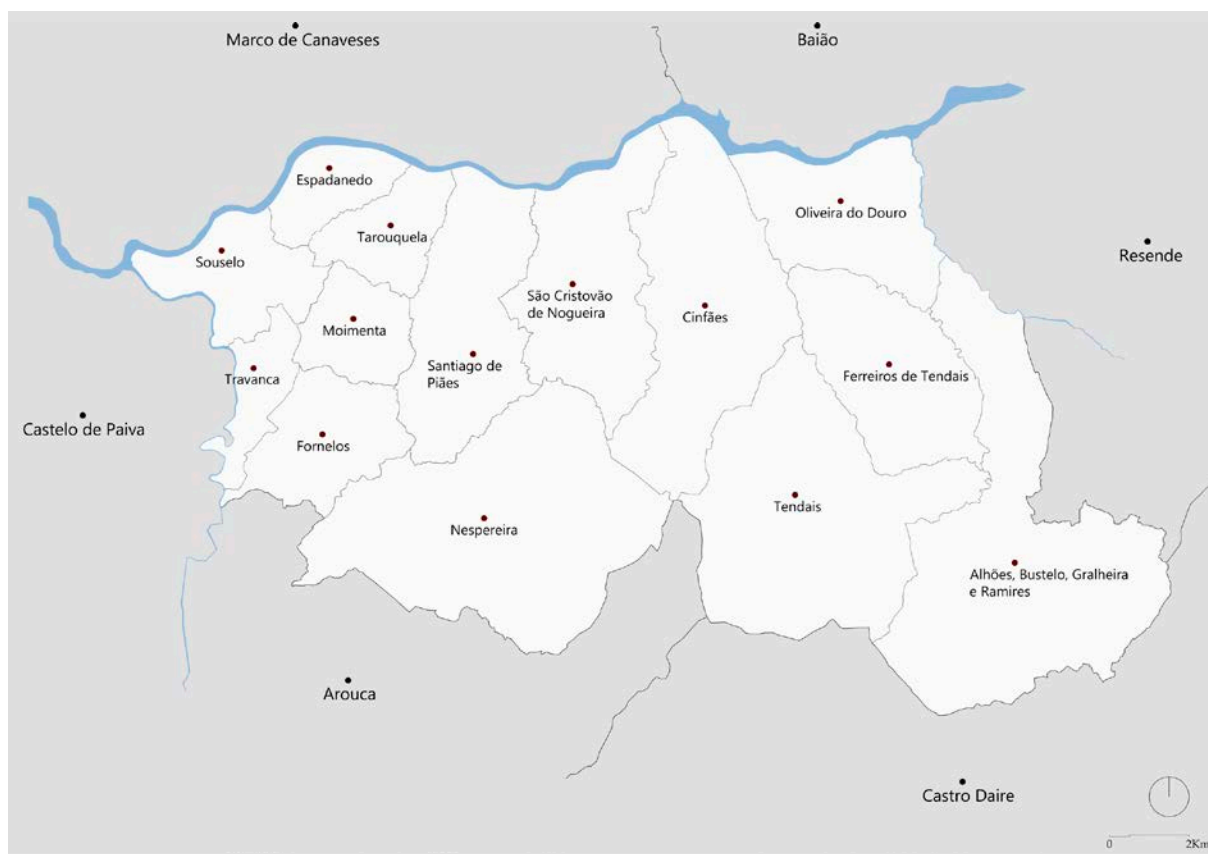
#### O Sítio

Cinfães é um concelho do distrito de Viseu, composto por catorze freguesias, pertencente à região Norte e sub-região do Tâmega perfazendo uma superfície de 241,5 Km<sup>2</sup>.

Esta área é delimitada a norte pelo Rio Douro e a sul pela Serra de Montemuro, tendo ainda as fronteiras naturais do Rio Cabrum e do Rio Paiva a este e a oeste, respetivamente (Figura 3). É por esta razão, que o concelho é marcado pela dicotomia entre a área serrana marcada pelo maciço da Serra de Montemuro e a área ribeirinha do vale do Douro.

O mapa geológico de Cinfães revela que a maioria do concelho assenta sobre formações graníticas litofácies de tonalidade cinzenta. Contudo, a sul existem unidades metassedimentares do período Ordovício, constituídas litologicamente por xistos grauvaques, quartzitos e corneanas [Câmara Municipal de Cinfães, 1994].

No entanto, esta variação geológica é facilmente detetada pela observação das construções mais antigas maioritariamente construídas com materiais locais desde “tempos imemoriais na história da humanidade” [Vasconcelos et al.,



**Figura 3.** Localização e organização do concelho de Cinfães. Imagem adaptada pelo autor de <https://www.cm-cinfaes.pt/index.php/municipio/cmc/freguesias/item/24-cinfaes>, a 10/12/2016.

2000). Assim, podemos afirmar que: o granito predomina no concelho entre a Serra de Montemuro e o Rio Douro devido aos filões resultantes da evolução geológica e ação de agentes erosivos; e as rochas xistosas têm presença marcante no Vale de Nespereira devido à continuidade do filão geológico de Alvarenga, concelho de Arouca. Esta variação geológica auxiliou a definição dos núcleos a integrar cada rota.

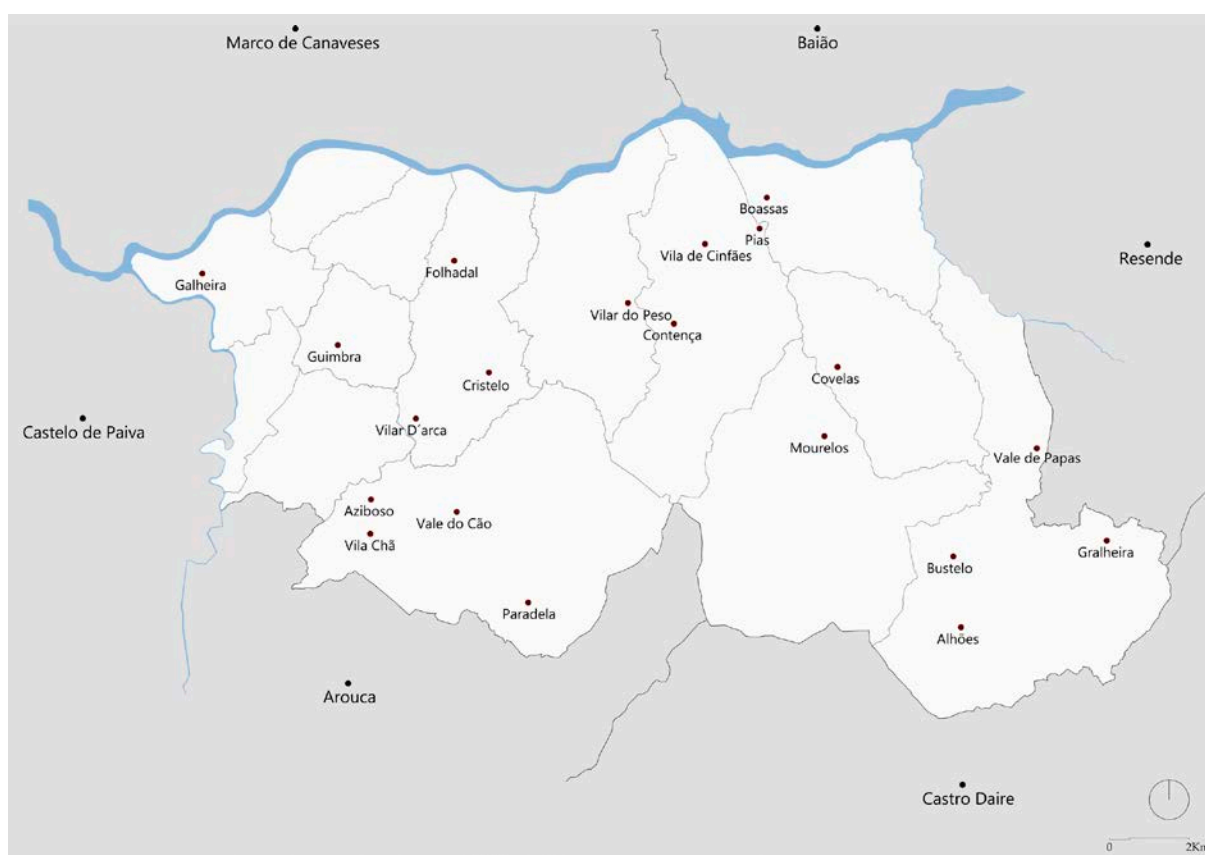
A análise das dinâmicas demográficas é igualmente preponderante para a compreensão de um determinado território e, por isso, fundamental para o processo de planeamento e ordenamento de uma região. Contudo, esta dinâmica e distribuição populacional são condicionadas por variadíssimos fatores, de entre eles, os de ordem natural e económica (Vasconcelos et al., 2000). A análise dos dados demográficos confirma que a população da área tem vindo a decrescer. O ano de 1950 apresenta o pico demográfico mais acentuado do concelho com 31984 habitantes. A partir

dessa época constata-se um decréscimo até ao ano de 2011, com 20427 habitantes (site do Instituto Nacional de Estatística, consultado a 22/01/2017).

### Arquitetura Popular em Cinfães

O concelho de Cinfães apresenta um vasto e diversificado património arquitetónico “[...] que tem sido esquecido e que, pela sua importância enquanto testemunho da cultura, civilização e identificação de um povo, será urgente falar e chamar a atenção, tanto das autoridades competentes em particular, como do cidadão comum em geral” (Ferreira, 1996).

A dimensão e a localização geográficas do concelho favorecem uma grande diversidade de tipos de conceções, materiais, métodos e formas de construção (Ferreira, 1996). Esta característica permite diferenciar o concelho em três zonas



**Figura 4.** Aglomerados de Cinfães com presença vernácula. Imagem adaptada pelo autor de <https://www.cm-cinfaes.pt/index.php/municipio/cmc/freguesias/item>, a 21/12/2016.

distintas, segundo a sua arquitetura, em: zona Montanhosa da Serra de Montemuro, região envolvente da freguesia de Nespereira e zona baixa do concelho (imediações do Rio Douro) (Ferreira, 1996; Pinto, 2000). Esta classificação permite também identificar três tipos de conjuntos tendo em conta as características do meio onde se inserem – os aglomerados de montanha, os aglomerados ribeirinhos e os aglomerados de meia encosta (Calheiros, 2006).

Em toda a extensão do território de Cinfães é evidente a existência de um património diversificado e de interesse no campo da arquitetura popular (Figura 4), que inclui a habitação, mas também elementos ligados à agricultura, como eiras e espigueiros, à religião como capelas e igrejas, ou com menor dimensão as alminhas e ainda infraestruturas e equipamentos como calçadas antigas, pontes, levadas e águas ou os abrigos dos pastores.

Considerando o levantamento de elementos de arquitetura popular foram criadas as Rotas. Estas são constituídas por um conjunto de aglomerados de características semelhantes e próximos entre si, mas ao mesmo tempo com distintos materiais, usos e costumes, assim como particularidades decorrentes da localização, clima, vivência e formas de estar no espaço. Deste modo, procuramos apostar em duas Rotas que demonstrassem a variedade do património arquitetural local, assim como permitissem uma estratégia de desenvolvimento sustentado pelas potencialidades de cada aglomerado, salvaguardando, a identidade de cada lugar.

Deste modo, a “Rota de Montemuro” consiste na ligação de quatro núcleos rurais típicos da arquitetura de montanha desta região, Alhões, Bustelo, Vale de Papas e Gralheira. A escolha desta rota justifica-se pela simbologia icónica que a Serra tem no concelho, assim como pela existência em

grande parte dos traços originais da Arquitetura popular (Vasconcelos et al., 2000).

A segunda rota – que chamamos “Rota do Granito ao Xisto”, pretende demonstrar a diversidade geográfica do concelho, que se traduz nos materiais construtivos utilizados nos edifícios e que caracterizam estas paisagens, o granito e o colmo, bem como o Xisto e a Ardósia. Além disso apostamos em aglomerados mais pequenos e com necessidades distintas dos da primeira Rota, procurando demonstrar o potencial que, independentemente das limitações, cada lugar possui.

### Rota de Montemuro

Os núcleos da Rota do Montemuro definem-se por uma implantação de cota elevada, variando entre os 830 e os 1100 metros, sendo por essa razão, dos aglomerados mais altos do concelho de Cinfães. Este facto proporciona a presença de um clima bastante rigoroso no inverno, onde o vento forte e a queda de neve condicionam o quotidiano de quem lá vive, mas que cativa a visita de outros.

Os núcleos caracterizam-se por uma arquitetura endógena inserida de forma harmoniosa no meio e ligada a uma paisagem montanhosa, abundante em planaltos e outeiros.

A região de Montemuro caracteriza-se pela presença da pedra granítica. Este material é, por isso, a “face” da maioria das construções tipo destes núcleos (Figura 5). Nas construções mais antigas, a pedra surge de uma forma tosca, caracterizada por um alinhamento irregular e sem presença de um elemento ligante. A cobertura era, e ainda é num reduzido número de edifícios, feita em colmo, que tal como o granito é um material local. A utilização deste ma-

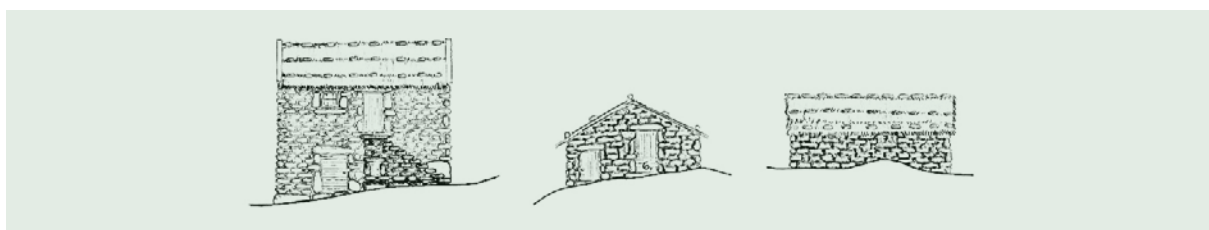


Figura 5. Representação das casas tipo da Rota do Montemuro, recriada pelo autor (Vale de Papas e Gralheira, respetivamente).

terial está também associada à dificuldade de transporte da telha e à falta de meios financeiros. A maioria das paredes apresenta uma alvenaria dupla, com o interior ocupado por terra e pedras de pequenas dimensões para funcionar como isolante térmico. A alvenaria de pedra sendo de junta seca era preenchida com musgo.

No entanto, hoje, a melhoria dos meios de circulação permite a chegada de novos materiais de construção. Este facto, contribui, não só, para o desuso do colmo, mas também para o aparecimento do tijolo, bloco e telha, já que a sua aplicação e mão-de-obra é mais barata.

A agricultura e a criação de gado mantêm um papel crucial nestes locais, marcando, de forma ativa a organização e, sobretudo, a imagem dos aglomerados. Como exemplo temos a transição harmoniosa entre a aldeia e serra dada quer, pela proximidade das hortas e quintais às construções quer, pela unidade e diversidade de edificado de apoio às práticas agrícolas, como espigueiros, pequenas arrecadações de alfaías, abrigos de animais e eiras.

O registo do estado de conservação do edificado permitiu concluir que, na maioria dos conjuntos, os edifícios de traça popular apresentam sinais de evidente deterioração, apesar da ainda utilização. Pelo observado e segundo alguns populares apercebemo-nos que, atualmente, este tipo de edifícios já não é muito utilizado para habitação. A emigração, ou simplesmente, a mudança para habitações com melhores condições de salubridade e conforto fez com que as antigas habitações começassem a ser utilizadas como celeiros e arrumos de alfaías agrícolas.

No registo dos elementos descaraterizados notou-se que as zonas de maior "descaraterização" se concentram no perímetro externo dos aglomerados, concluindo tratar-se de uma zona de ocupação recente. Todas, ou quase todas, pouco enquadradas com a imagem do conjunto antigo local. Embora algumas destas construções revelem a vontade|tentativa de enquadramento, normalmente, tal não é executado e pensado da melhor forma, seja pela escolha do tipo de pedra, que muitas vezes não é da região, seja pelo seu aspeto artificial ou, simplesmente, pela má aplicação do material. Contudo considera-se que, com mínimas in-

tervenções, é possível amenizar a consequência de algumas destas opções. Falamos essencialmente da utilização de cores demasiado fortes em edifícios, que a sua alteração permitia uma aproximação ao enquadramento pretendido.

Nestes conjuntos rurais, o tipo de utilização do edificado distingue-se quase em exclusivo em habitações e anexos agrícolas (onde incluímos os currais, espigueiros, celeiros e arrecadações de alfaías), pontualmente por alguns edifícios associado a comércio e restauração (cafés, minimercados, restaurantes, artesanato e padarias) ou serviços, como escolas, Juntas de Freguesia, capelas, igrejas e cemitérios. Este registo permitiu entender a estrutura que compõe estes aglomerados rurais e a distribuição das várias funções no espaço.

O estudo das vias de comunicação dos aglomerados, ao analisar a sua materialidade e estado de conservação, tornou-se fundamental para garantir a ligação entre as quatro aldeias e reduzir o seu isolamento. Em conversa com os habitantes apercebemo-nos que estas aldeias se encontram servidas não só por fracos acessos, mas também por uma escassa rede de transportes públicos. Por exemplo, na maioria destes núcleos e nas interrupções letivas, a frequência de um autocarro para a sede do concelho é de apenas duas vezes por mês.

A realização destes estudos contribui, assim, para a definição paramétrica dos levantamentos dos diferentes conjuntos, facilitando assim a sua comparação e o seu planeamento.

### **Rota do Granito ao Xisto**

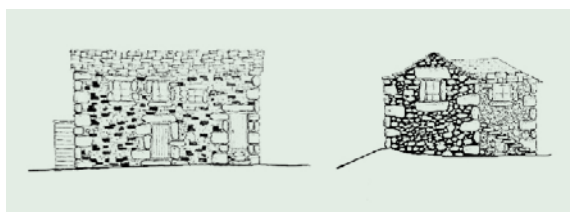
A Rota do Granito ao Xisto surge com o intuito de demonstrar a variedade patrimonial vernacular existente no concelho de Cinfães.

Com isto pretendemos que a segunda rota não demonstre apenas uma diferenciação material, com a introdução do xisto e da ardósia, ou simplesmente a escolha de uma tipologia de aglomerado distinta. Na realidade almejamos apresentar núcleos com tamanhos, exigências e necessida-

des distintos da primeira Rota, reforçando e demonstrando o enorme potencial da região e que todos os lugares são passíveis de valorizar.

A presente Rota estende-se entre a Freguesia de Santiago de Piães e Nespereira, estabelecendo a ligação entre os núcleos de Cristelo, Vale de Cão e terminando no lugar de Souto de Paradela. Apesar de relativamente próximos, estes aglomerados apresentam um conjunto de características bastante distintas.

A segunda Rota localiza-se nos limites entre os solos de granito e de xisto, visível pela simples observação dos edifícios construídos, cuja imagem depende da utilização do granito, do xisto e da ardósia, que vão assumindo diferente protagonismo nos três núcleos (Figura 6).



**Figura 6.** Representação das casas tipo da Rota do Granito ao Xisto, recriada pelo autor (Souto de Paradela e Cristelo, respetivamente).

Em Cristelo, na Freguesia de Santiago de Piães, as construções antigas são construídas com alvenaria de pedra granítica rústica, à imagem da Rota de Montemuro. As coberturas são uma conjugação de dois materiais, o beirado é de ardósia enquanto a restante cobertura é de telha<sup>2</sup>, método construtivo que permite um maior balanço ao beirado, garantindo um maior resguardo das fachadas às questões climatéricas.

Por sua vez, o núcleo de Vale do Cão possui uma arquitetura de transição, onde o Xisto começa a ser utilizado. A sua utilização é variável mas, na maioria, é usado apenas como um elemento de enchimento, ao passo que na cobertura vai surgindo com maior frequência a ardósia.

<sup>2</sup> Segundo informação do habitante mais antigo do núcleo, a utilização deste método construtivo está implementada no aglomerado há pelo menos meio século.

Em Souto de Paradela as fachadas das construções mais antigas caracterizam-se pela presença quase exclusiva do xisto, sendo que o granito surge apenas nos elementos estruturais de maior esforço, tais como padieiras, ombreiras e cunhais. As coberturas são totalmente construídas em ardósia. Deste modo, as edificações dos aglomerados vão demonstrando as características geológicas do solo, alternando entre o granito, o xisto e a ardósia.

Para lá das diferenças materiais e construtivas que distinguem os conjuntos, existem algumas semelhanças espaciais, que contribuíram para a inserção destes núcleos na mesma Rota.

Estes aglomerados caracterizam-se ainda hoje, e tal como já ocorria nos núcleos serranos da Rota de Montemuro, por uma relação de proximidade à agricultura, que marca a imagem e a composição dos conjuntos. Deste modo, os elementos construídos são envolvidos pelos campos de cultivo que permitem uma transição harmoniosa com a natureza. As próprias construções expressam esta convivência através da presença de espigueiros, eiras e celeiros (Figuras 7, 8, 9 e 10). Além disso, estes núcleos apresentam uma dimensão muito reduzida e assumem um carácter familiar, pelo número muito reduzido de habitantes. Por estas razões observou-se que não se justifica a existência de equipamentos, serviços ou comércio|restauração, uma vez que os há implantados em aglomerados próximos e que as vias dos aglomerados são também de reduzida dimensão e número.

Tendo em consideração a localização e implantação no território, estes aglomerados evidenciam as características de núcleos de meia-encosta, ou seja, as suas construções organizam-se ao longo das vias de comunicação, apresentando, por isso, uma maior dispersão em relação aos restantes aglomerados analisados até aqui.

Hoje, a agricultura e a criação de gado já não têm o papel de outros tempos, contudo ajudam no equilíbrio mensal dos orçamentos dos agregados familiares. Com poucos habitantes e sem rede pública de abastecimento de água nem saneamento básico, os aglomerados preservam o seu património arquitetónico praticamente inalterado, inserindo-se na paisagem envolvente, de um modo simples e harmonioso.



Figuras 7, 8, 9 e 10. Representação da harmonia entre o construído e a natureza. Fotografias do autor.

Tal como para a primeira Rota, a realização destes estudos contribuiu para a caracterização individual de cada aglomerado, facilitando o trabalho de comparação e elaboração de uma estratégia para o conjunto.

#### 4. REFLEXÃO

O turismo tem sido visto como uma oportunidade de desenvolvimento dos territórios rurais, visando a melhoria da qualidade de vida das populações e valorizando os seus recursos endógenos [Agência para o desenvolvimento turístico das aldeias de xisto, 2000; Correia e Carvalho, 2010; Associação do Turismo de Aldeias, 2013; Fazenda, 2015]. Por esta razão, nos últimos anos têm-se multiplicado a criação de programas de intervenção estratégicos nestes meios, onde a Aldeias Históricas de Portugal, a Aldeias de Portugal, a Rede das Aldeias de Xisto e a Rota do Românico, representam apenas alguns exemplos relevantes. A criação destas iniciativas surge também devido à exigência e à procura cada vez maior

e mais especializada por parte dos turistas, procurando vivenciar a verdadeira essência dos espaços. Estes programas procuram, assim, impulsionar os potenciais de cada região, oferecendo experiências enriquecedoras e diferenciadas aos visitantes [Agência para o desenvolvimento turístico das aldeias de xisto, 2000; Correia e Carvalho, 2010; Associação do Turismo de Aldeia, 2013; Fazenda, 2015].

No entanto como avançam Juliana Correia e Paulo Carvalho, na maioria das vezes a oferta turística local é limitada, em termos de alojamento, animação, gastronomia e atividades lúdicas. Esta limitação surge, por somente, se focalizarem na promoção turística da zona, esquecendo-se de desenvolverem equipamentos locais que a suportem, e sobressai a ideia que a maioria destas iniciativas privilegia mais o visitante do que a população local [Correia e Carvalho, 2010; Sousa, 2014a].

Naturalmente defendemos uma inserção natural e adequada do turismo na tipologia dos aglomerados em estudo

com vista a garantir a preservação genuína e a harmonia do espaço. Reconhecemos, por isso, as vantagens deste processo na divulgação e na rentabilização destas aldeias, nomeadamente a nível financeiro, justificando muitas vezes e preservação das festividades e das feiras tradicionais. Desse modo, e no caso específico de Cinfães, o turismo tem de ser encarado como uma consequência natural, alicerçada na natureza e nos recursos endógenos locais, reforçando a competitividade da região, através de uma abordagem sustentada e planeada das Rotas propostas.

A estratégia da inclusão das Rotas como impulsionador do planeamento estratégico entre os núcleos, segue a tese desenvolvida por J. Ferrão, “[...] uma aglomeração [...] com uma posição estratégica no interior de uma rede dinâmica conseguirá, por certo, desenvolver actividades de nível bastante superior ao que seria de esperar numa óptica rigidamente hierarquizada” (Ferrão, 1995). Assim, a Rota é capaz de desenvolver relações socio-espaciais de forma a cultivar as tradições e ligação arquitetura-meio (Carvalho, 2011), além de procurar impulsionar as condições económicas locais, através da rentabilização dos seus recursos, assumindo contudo, consensualização das necessidades locais e da população (Sousa, 2014b). Neste sentido, embora se considere fundamental estender a política de valorização do património popular a todo o concelho, a definição das duas Rotas e o planeamento de uma estratégia de desenvolvimento para cada uma pretende facilitar a sua execução e aumentar a ambição das propostas.

A presente reflexão surge, então, por considerarmos necessário e viável a preservação da identidade destes núcleos e a linguagem da arquitetura vernacular de Cinfães e por acreditarmos que esta pode adaptar-se facilmente às exigências da vida contemporânea. Independente do processo de adaptação, é essencial que esta arquitetura mantenha uma forte ligação às pessoas, às memórias e aos locais de origem, porque só com o equilíbrio entre o vernáculo e o contemporâneo é possível assegurar a preservação e a conservação deste valor patrimonial da região. Tal necessidade torna-se premente porque apesar do concelho apresentar aglomerados coesos (essencialmente rurais) de arquitetura popular, com integração harmoniosa na paisagem e com valor patrimonial invejável, não são muitas vezes re-

conhecidos pelo cidadão comum. Enquanto as entidades responsáveis, reconhecendo-lhe valor ou não, pouco fazem para a sua divulgação e reconhecimento. Este facto dificulta as ações de conservação e valorização destes conjuntos.

Para tentar inverter esta tendência propôs-se uma estratégia baseada em dois eixos, definidos, por sua vez, por linhas de atuação especificadas pelas respetivas propostas e medidas (Figura 11).

O primeiro eixo, *Valorização do património local*, define um conjunto de três linhas de ação: a *preservação da cultura e da arquitetura popular*, a *gestão urbana e qualidade de vida* e a *promoção/marketing dos produtos locais*. A implementação deste primeiro eixo pretende garantir a viabilidade do segundo eixo, cujo objetivo é a *atração de novos cinfanenses*. Este segundo objetivo terá como apoio programas à fixação e subsídios ao empreendedorismo, inovação, promoção da agricultura e turismo.

O segundo eixo – *Atração de novos cinfanenses*, apesar de ser um objetivo concreto, acaba por ser uma consequência do primeiro eixo. Isto porque a implantação de programas de apoio à fixação está dependente da dinamização, equipamentos e infraestruturas que surgirão com a estruturação do primeiro eixo.

Todas estas linhas de ação e medidas visam propor a melhoria da qualidade de vida da população, o reforço dos valores da identidade local e a criação de uma base económica sustentada, sem nunca descurar o contexto social, cultural, económico e estético do aglomerado onde se inserem. Além disso, uma estratégia assente nestes valores permitiam tirar partido das dinâmicas de desenvolvimento não só a nível local, mas também a nível regional e nacional (Gonçalves, 2011).

Contudo, reconhece-se que estas propostas exigem que haja um diálogo e uma aproximação prévia à população, como ocorreu com o Programa MERECE (Ramos et al., 2016), que contou com a realização de apresentações e reuniões públicas com os habitantes, explicando as propostas a realizar no conjunto. Sendo que, nestas sessões, a população poderia dar a sua opinião e sugestões permitindo, assim, uma participação e integração ativa na intervenção.



**Figura 11.** Quadro síntese da Estratégia proposta elaborado pelo autor.

A interação com a população pretende também ajudar à conversão da imagem associada à pobreza que a arquitetura popular tem, muitas vezes, para a população. Embora, as paredes remetam para as dificuldades que marcaram uma vida, esta reabilitação pretende incentivar o habitar no mundo rural com dignidade e com hipóteses de sucesso, aliada a um ambiente puro e em harmonia com a natureza. O que permitirá gerar novas possibilidades e o ressurgimento e reinvenção de costumes, tradições e conhecimentos que estão em vias de extinção. Por outro lado, é necessário ter em mente que qualquer intervenção e manutenção destes núcleos acarreta significativos encargos que, tendo em conta as condições económicas da população, se tor-

nam em muitos casos inoportáveis. É por estas circunstâncias que reforçamos a importância dos fundos de auxílio à reabilitação, por parte das entidades responsáveis, que permitam solucionar as dificuldades dos particulares que não possuem meios para as intervenções.

Em suma, consideramos que a valorização e revitalização das aldeias rurais do concelho de Cinfães, que ainda hoje apresentam traços de arquitetura vernacular, é possível a partir de um conjunto de medidas e estratégias das quais destacamos: a adaptação das suas habitações às condições de salubridade e segurança, exigidas na contemporaneidade, e a minimização dos elementos que, por as mais va-

riadas razões, descaracterizam o conjunto e levam à perda da identidade rural. Todavia, temos consciência que a falta de habitantes, meios e o elevado número de edifícios e núcleos torna muito difícil a reabilitação de todas as aldeias. No entanto, acreditamos que a concretização de algumas das medidas propostas incutirá uma alteração de mentalidade por parte dos proprietários, das entidades responsáveis e da sociedade em geral, capaz de fomentar a conservação e a dinamização deste património. Tal fica patente nos objetivos delineados para o estudo, embora os planos para cada uma das rotas apresentem objetivos específicos distintos, foram objetivos gerais a melhoria da qualidade de vida da comunidade e a divulgação das qualidades e virtudes da região.

É importante referir que as propostas apresentadas resultaram da nossa análise do território e dos núcleos em particular, podendo ocorrer outras medidas igualmente relevantes para a regeneração da área. Além disso, algumas das propostas são aplicáveis não só aos núcleos das Rotas propostas, como a todos os outros conjuntos arquitetónicos de cariz popular do concelho e que, mesmo não tendo uma referência especial nesta investigação, são igualmente caracterizadores da paisagem e da imagem desta região. Por outro lado, reconhecemos que seria crucial associar ao estudo saberes essenciais ao desenvolvimento de uma estratégia deste género, como a sociologia, a economia, a engenharia, o direito, as ciências humanas e outras.

Assim “[...] o espaço rural passou de espaço de onde se vem para espaço para onde se vai, de espaço de repulsão para espaço de atração, [...]” (Barros, 1993). Esperamos que com as intervenções propostas e muitas outras, esta ideia se aplique num curto espaço de tempo aos aglomerados rurais endógenos do Concelho de Cinfães, esperando que estas sugestões impulsionem as aldeias do município para a sua renovação, valorização da sua beleza arquitetónica e melhoramento dos serviços às populações (CCRC, 1999).

## 5. NOTAS CONCLUSIVAS

Se as características e as adversidades levaram Cinfães a preservar, até aos dias de hoje, o seu vasto património vernáculo, é igualmente verdade que o avanço tecnológico

e a melhoria das acessibilidades conduziram à descoberta e à ameaça destes elementos. E por isso, é necessário e urgente pensar como estimular o desenvolvimento dos conjuntos. Para tal, será necessário a construção de cenários de intervenção integrando a população e as entidades competentes, nomeadamente a Câmara Municipal, Juntas de Freguesias e Associações locais. Isto porque, no nosso entender, o sucesso na valorização do património endógeno de Cinfães só será possível se o Estado em articulação com as referidas entidades assumirem as suas responsabilidades, em cooperação com a comunidade. Ao articular os diferentes objetivos e interesses, alcançam uma definição comum de um conjunto de estratégias estruturadas, dinamizadoras e planeadas na salvaguarda das características endógenas e das identidades locais, no realce e promoção da região. Estes aglomerados, quer pela sua arquitetura endógena, relações harmoniosas com o meio e o espírito comunitário, fortalecem os laços populares, tornando-os em lugares genuínos e de interesse social e cultural e onde a paisagem e a autenticidade das “suas gentes” dão pertinência à valorização deste património. São estes fatores diferenciadores e valorizadores do território, aliados a uma boa gestão destas características únicas, que contribuem para o sucesso no desenvolvimento sustentado local.

Deste modo, o presente estudo pretendeu levantar o património endógeno existente no concelho de Cinfães com o objetivo de refletir sobre a forma de intervir e criar bases para a valorização e adaptação deste património às exigências contemporâneas. Porque muito embora se tenha partido do caso concreto do Município de Cinfães, reconhece-se que esta é uma realidade de grande parte do interior norte do país.

Tornou-se, desta forma, clara a necessidade de uma gestão do património como fator de desenvolvimento em detrimento de uma simples lógica de conservação. Por outro lado, a decisão de salvaguarda torna-se dependente da consciencialização dos proprietários, uma vez que as entidades responsáveis pouco, ou nada, fazem para a preservação e valorização do património rural de Cinfães. No entanto, é importante reforçar que estas propostas são apenas algumas diretrizes possíveis para a dinamização e preser-

vação deste património. Reconhecendo que num contexto real, a elaboração de uma estratégia semelhante necessitaria de apoio profissional e técnico noutros campos disciplinares, como a engenharia, sociologia e economia, além de estudos de caracterização mais profundos.

A criação das Rotas surgiu, deste modo, como elemento promotor da conservação e valorização destes conjuntos. Ao estabelecer relações entre as várias unidades demonstrou-se a diversidade espacial, material, cultural e histórica que define cada um dos núcleos. Todos estes fatores estimulam o conhecimento e a descoberta da região, oferecendo ao visitante uma experiência ampla e completa ao recuperar as memórias dos lugares, as vivências de modo comunitário que ainda hoje rege os sítios e ativando práticas que, hoje, correm riscos de extinção, e que, todavia, tiveram um papel preponderante na vida destas populações.

Embora o turismo tenha surgido como um importante instrumento para a salvaguarda do valor cultural de Cinfães está fortemente dependente de apoios públicos de subsídio e promoção. Estes são cruciais à criação de zonas turísticas viáveis e rentáveis, mas levam a que, na maioria das vezes, o planeamento tenha o turismo como principal (ou único) foco e, que por essa razão, esteja na base das ações executadas em vez das necessidades da população local.

Por isso podemos apenas assumir que o processo de sensibilização desenvolvido durante o trabalho de campo foi positivo, uma vez que conseguimos levar a população, as associações locais e as entidades administrativas a terem consciência do valor cultural e patrimonial que o concelho possui. Assim, esperamos que num curto espaço de tempo estes indicadores positivos apresentem resultados concretos nos aglomerados vernaculares do município.

Por fim, não poderíamos deixar de abordar a questão do futuro incerto deste valor patrimonial endógeno que compõe o Município de Cinfães e que hoje se encontra mais perto do abandono que da valorização. Tentou-se com este trabalho apresentar o potencial que estes pequenos aglomerados e aldeias têm para a valorização e dinamização desta região.

É, desta forma, que desejamos que este trabalho resultante de prospeções e identificações de mais de 1800 construções, 1700 elementos fotográficos e 650 quilómetros percorridos, alicie e auxilie a continuação e o aparecimento de novas investigações neste âmbito e culmine na valorização do património como elemento estruturador de uma nova geração de estratégias e políticas de desenvolvimento quer a nível local como nacional.

## BIBLIOGRAFIA

**Agência para o desenvolvimento turístico das aldeias de xisto.** (2000). A Rede das Aldeias de Xisto. Disponível em <https://aldeiasdoxisto.pt/content/rede> [acedido em 14/08/2017].

**Associação do Turismo de Aldeias** (2013). Território de Intervenção. Disponível em [http://www.aldeiasportugal.pt/sobre\\_nos/](http://www.aldeiasportugal.pt/sobre_nos/) [acedido em 17/05/2017].

**Associação dos Arquitectos Portugueses** (Coord.) (1988). *Arquitetura popular em Portugal*, 3ª edição. Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses.

**Barros, A.** (1993). A Sociologia e as Perspectivas de Desenvolvimento. In: Congresso Português de Sociologia. *Estruturas Sociais e Desenvolvimento: atas do II Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, APS e Editorial Fragmentos.

**Caldas, J.** (Coord.) (2000). *Arquitetura popular dos Açores*. Lisboa, Ordem dos Arquitectos.

**Calheiros, M.** (2006). *Arquiteturas rurais e critérios de intervenção: uma experiência no Vale do Lima, 2003–2006*. Tese de Mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

**Câmara Municipal de Cinfães** (1994). Plano Director Municipal (PDM) de Cinfães. Disponível em <https://cm-cinfaes.pt/plano-director-municipal-pdm-e-seu-relatorio-final/94-revisao-do-plano-diretor-municipal-de-cinfaes> [acedido em 10/03/2017].

**Câmara Municipal de Idanha-a-nova** (2016). Recomeçar em Idanha. Disponível em <http://www.recomecar.pt/> [acedido em 19/06/2017].

**Câmara Municipal de Idanha-a-nova** (2015). IDANHA-A-NOVA Estratégia 2015|2025. Disponível em [http://www.cm-idanhanova.pt/media/160309/Idanha\\_Estrategia.pdf](http://www.cm-idanhanova.pt/media/160309/Idanha_Estrategia.pdf) [acedido em 18/06/2017].

**Carvalho, P.** (2011). Património e Desenvolvimento em ambiente rural: lugares, rotas e redes. In: *Cadernos de Geografia*. N.º 30/31.

**CCDR – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro** (1999). *Programa das Aldeias Históricas de Portugal* [ed. original de 1998].

**Correia, J., Carvalho, P.** (2010). Turismo e desenvolvimento rural. O caso de Piodão [Aldeias Históricas de Portugal]. In: *Cadernos de Geografia*. Coimbra, pp.117–130.

**Fazenda, N.** (Coord.) (2015). Turismo 2020 – Plano de Acção para o desenvolvimento do turismo. Disponível em [https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020\\_Parte%20I\\_mercados%20-%20SWOT.pdf](https://estrategia.turismodeportugal.pt/sites/default/files/Turismo2020_Parte%20I_mercados%20-%20SWOT.pdf) [acedido em 27/04/2017].

**Ferrão, J.** (1995). Cidades Médias: Superar a Tirania da Dimensão. In: *As Cidades Médias e o Ordenamento do Território*. Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, pp. 11–17.

**Ferreira, M.** (1996). A Arquitectura Popular e tradicional no Concelho de Cinfães. In: *Terras de Serpa Pinto*. Pp. 61–67.

**Gonçalves, A.** (2012). *Património urbanístico e planeamento da salvaguarda: os seus contributos para a desagregação urbana e a necessidade de [re]habilitar a patrimonialização da cidade na sua [re]feitura*. Tese de doutoramento em Arquitectura, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

**Lopes, A., Correia, M.** (2004). *Património arquitectónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. 1ª edição. Lisboa, Livros Horizonte.

**Marques, J.** (2015). *Pelos meandros do xisto: o património rural na Freguesia de Vide*. Tese de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

**Mestre, V.** (2002). *Arquitectura popular da Madeira*. Lisboa. Editora Argumentum.

**Oliveira, E., Galhano, F.** (1992). *Arquitectura tradicional portuguesa*. 1ª edição. Lisboa, Dom Quixote.

**Pereira, H.** (2017). *CINFÃES: Dialética entre o passado e um futuro – Ao encontro dos aglomerados vernaculares*. Tese de Mestrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

**Pinto, C.** (2000) *Arquitectura popular do concelho de Cinfães*. Câmara Municipal de Cinfães.

**Ramos, C.; Couceiro, M.; Brito, N.** (2016). MERECE – Guarda: An Energy and Resource Efficiency Process undermined by the early stages of a democratic setting. In: *International Planning History Society Proceedings*. Apresentado em Perspectives on Urban Reconstruction. Disponível em <https://doi.org/10.7480/iphs.2016.5.1311.1910>

**Sousa, L.** (2014a). *Património como estratégia de desenvolvimento local: o caso de Arnelas, Crestuma e Lever*. Tese de Mestrado em Património e Turismo Cultural, Universidade do Minho.

**Sousa, L.** (2014b). *Património como estratégia de desenvolvimento local: o caso de Arnelas, Crestuma e Lever*. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga.

**Tomás, P.** (2005). *Património cultural e trajectórias de desenvolvimento em áreas de montanha: o exemplo da Serra da Lousã*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

**Vasconcelos, M.; Ribeiro, J.; Matos, E.** (2000). *Monografia de Cinfães: Geografia de Cinfães*. Cinfães, Nova Lello..